

JESUS, Rodrigo Marcos de: *Cristianismo Libertador*. Religião e Política em Leonardo Boff. São Paulo: Loyola, 2010. [Coleção FAJE; 10] 19 cm x 12 cm. 214p. ISBN 978-85-15-03757-5

L. Boff tem sido um dos teólogos brasileiros de todos os tempos mais estudado sob aspectos diversos. Enfileiraram-se teses doutorais de grande envergadura, como a de Paulo Agostinho na Universidade Federal de Juiz de Fora sobre “Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff” — em breve sairá em livro pelas ed. Paulinas —, publicações no estrangeiro, livros sobre seu pensamento, como o editado pela Universidade Federal de Minas Gerais junto com a Fundação Perseu Abramo, organizado por J. Guimarães, enfim interminável série de obras. RODRIGO soma-se a esse grupo de pesquisadores com um estudo sob o ângulo político-filosófico.

O A. graduou-se em Filosofia pela UFMG e se tornou mestre em Filosofia pela FAJE. Une a dupla atividade de pesquisador e de professor. Destaca-se seu trabalho pela clareza, capacidade sintética e estruturante. Em universo acadêmico extremamente detalhista e em mundo cultural carregado de imagens e de loquacidade verborreica, trabalhos sistemáticos e bem arquitetados merecem destaque.

A escolha de L. BOFF, como autor estudado, justifica-se por ser ele um dos principais corifeus da libertação, por trabalhar em profundidade a dupla perspectiva escolhida da imagem de Deus e a função da Igreja na sociedade e por permitir a abordagem filosófica da libertação nos textos elaborados sobretudo nas décadas de 1970 e 1980. Situa-o em contexto amplo, ao analisar o nascedouro da teologia da libertação. Conforme palavra introdutória do prof. Margutti, RODRIGO vem de encontro com o conceito de que o Brasil não tem filosofia própria, ao estudar um pensador brasileiro original como BOFF. A amplitude do seu pensamento não cabe em única disciplina. Qualquer um que o aborde para entendê-lo, carece de conhecimento interdisciplinar. E RODRIGO não fugiu a essa lide, ao enfrentar a tarefa com coragem, estimulado pelo diretor da dissertação, a qual subjaz ao texto.

O estudo versa sobre “a religião como articulação entre o religioso e o político no cristianismo libertador de Leonardo Boff”. Nesse papel, entram em jogo a imagem de Deus e a função da Igreja no processo de libertação em nosso contexto latino-americano. O A. justifica tratar da ideia de Deus por ela ser “o núcleo orientador de toda religião” e do papel da Igreja — comunidade de fé e instituição — por sua re-

levância na fé cristã. Ele se situa na perspectiva da filosofia da religião.

Antes de tocar o cerne do problema que gira em torno de Deus e da Igreja, o A. tece-nos, no primeiro capítulo, o contexto do surgimento do cristianismo libertador. Tema aliás, já muito estudado, mas que se impõe antes de qualquer abordagem referente à libertação. O livro traz, porém, um acento menos explicitado pelos teólogos da libertação, já que assinala a preferência pelo aspecto filosófico. Analisa o percurso do “desenvolvimento à libertação, indicando a emergência de nova consciência”. Entre essas duas idéias-força — desenvolvimento e libertação — há continuidade e ruptura. O A. desenha quadro histórico, político, cultural e eclesial dos anos que precederam a irrupção da libertação, de maneira concisa e perspicaz, indo aos fatores fundamentais: debate capitalismo-comunismo, populismo, movimento estudantil, vitalidade dos Centros de Cultura Popular, teoria da dependência, o ímpeto renovador do Concílio Vaticano II, Medellín, as CEBs, a pujança dos movimentos especializados da Ação Católica com irradiação para dentro da CNBB e com excelente assessoria crítica. Termina o capítulo, debruçando-se sobre três pensadores de caráter filosófico e pedagógico que alimentaram o surgimento da consciência libertadora: Álvaro Vieira Pinto, Henrique Vaz e Paulo Freire. Os pródromos da teologia da libertação frequentaram especialmente os dois últimos, enquanto o primeiro se trabalhou menos. Aí há um ponto interessante do livro. Conclui o capítulo, constatando como a libertação se constituiu, aos poucos, em nova ótica de interpretação do passado e do presente da história humana. Essa perspectiva trouxe nova formulação da imagem de Deus e da função da Igreja.

Prossegue a pesquisa no segundo capítulo, estudando a concepção filosófico-

teológica de Deus nos escritos de Leonardo Boff sobretudo no arco das décadas de 1980 e 1990, com certos recuos necessários a escritos anteriores. Está aí um dos capítulos centrais do livro. Pois, a articulação entre o religioso e o político no cristianismo de libertação implica analisar na religião, em primeiro lugar, a compreensão de Deus.

O A. persegue tal projeto em três momentos: as formas de compreensão do mundo, a pertinência das categorias de transcendência, imanência e transparência e, finalmente, a relação entre Deus e mundo. Em todos esses pontos, BOFF tem contribuição profunda e pessoal.

Para entender a realidade do mundo, RODRIGO trabalha algumas categorias importantes do pensamento de BOFF. O pensar sacramental permite ver toda a realidade como, em última análise, sacramento de Deus. O termo sacramento possui na tradição teológica grande importância na dupla valência de significado e sua realização. As realidades na sua visibilidade revelam, manifestam, exprimem algo para além delas, isto é, Deus e apontam para sua presença. É uma maneira de experimentar a realidade. Daí a relevância de outra categoria: a experiência.

A experiência implica tipo de conhecimento em que o sujeito como que sai de si, gira em torno do objeto presente a ele, para captá-lo de modo exaustivo.

Avançando na captação das categorias básicas de BOFF, o A. trabalha a Transparência. BOFF tenta fugir dos extremos da imanentização de Deus e de sua transcendentalização, encontrando na transparência uma síntese: transcendência presente na imanência e a imanência deixando transparecer a transcendência. Prossegue essa reflexão, desvelando a fundamentação do

pensar sacramental na historicidade do espírito humano, na ontologia, nas ciências humanas, na teologia e na cristologia transcendental. Continua esse conjunto de reflexões, chamando a atenção para a natureza da linguagem que exprime o pensar sacramental, a saber: narrativa, e-vocativa, autoimplicativa e performativa. Finalmente, termina com considerações críticas, mostrando que BOFF recorre a perspectiva interdisciplinar, ultrapassando a unidimensionalidade antropológica e problematizando a distinção entre sagrado e profano.

A segunda parte do capítulo detém-se na relação entre Deus e o mundo em tríplice perspectiva. Num primeiro aspecto, distingue três modos dessa relação: o pensar sacramental, lógico e histórico. Em seguida, aborda tal relação no horizonte da tecnociência. E, finalmente, no contexto da América Latina.

O terceiro capítulo prossegue a pesquisa, ao tratar da religião no cristianismo libertador. Segunda coluna fundamental do livro. Religião se refere à fé e política no cristianismo libertador. Inicia a reflexão, enucleando o específico cristão: o Mistério que se historiciza em Jesus Cristo, sem contudo deixar de ser Mistério. Está em jogo a experiência de Deus em Jesus Cristo, no qual se realizam as expectativas fundamentais do ser humano. Jesus realiza o *humanum* ao máximo. O mistério de Deus-Trindade, revelado por Jesus, marca também a especificidade cristã.

No cristianismo libertador, enfatizam-se a opção pelos pobres na figura do Jesus libertador, a dimensão perfeita de comunidade em oposição à exclusão na Trindade e a originalidade do problema de Deus na América Latina na denúncia da idolatria camuflada e no caminho da ortopraxis.

Três temas ocupam ainda esse capítulo. Num primeiro lugar, a Igreja como

sinal e instrumento de libertação. Cabe-lhe tal função no contexto latino-americano de opressão e não pode eximir-se de sua responsabilidade social e histórica como instituição religiosa cristã em tal situação. Ponto de referência da Igreja deve ser sua práxis histórica no atual contexto conflituoso. BOFF distingue quatro modelos da relação Igreja-mundo: ela identifica-se com o mundo (cristandade colonial), separa-se do mundo (nova cristandade), insere-se no mundo (cristianismo progressista), está dentro do submundo (Igreja profético-libertadora). Neste último, está a originalidade da Igreja latino-americana e brasileira da libertação nas duas faces de “tribuno em face do Estado” e de comunidade eclesial de base.

Fecha o capítulo com outros dois temas: a disjuntiva da religião: ópio ou libertação e a articulação entre salvação e libertação. Trata-se de duas questões abrangentes. BOFF adverte para o risco do duplo reducionismo do teologismo e do sociologismo, que desconhecem a dupla face da religião ou como legitimadora do sistema ou contestadora. E a conjugação correta entre libertação e salvação supõe distinguir os diversos níveis semânticos de ambas as categorias.

Nas últimas páginas de conclusão, RODRIGO resume bem a proposta do texto e sua realização. Antes de tudo, analisou a religião como articulação entre o religioso e o político no cristianismo libertador de BOFF. A tese central mereceu realmente tal estudo. Traz válida contribuição não só para compreender e aprofundar o pensamento de BOFF, como também ilumina práticas atuais das igrejas e religiões no campo político. O A. apõe bibliografia bem selecionada tanto de BOFF como complementar. Ademais, há dois anexos: breve glossário de alguns termos usados e uma entrevista feita por e-mail

com L. Boff sobre temas do livros e outros.

RODRIGO elaborou o trabalho com muito cuidado e atenção. A abundante obra de BOFF e sua liberdade de escrita exigiram de RODRIGO excelente capacidade de análise e sistematização. Conseguiu dissecar textos, descobrir distinções, armá-las e explicitá-las. Si-

tua o teólogo em horizonte amplo que corresponde à riqueza de seu pensamento e contribui, portanto, para a história do pensamento brasileiro da atualidade. Vale a pena meter-se nesse texto breve, sucinto e rico.

J. B. Libanio  
FAJE - BH

TRABATTONI, Franco. *Platão*. Trad. Rineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010, 342p. [Coleção *ARCHAI*: as origens do pensamento ocidental; 2] ISBN 978-85-391-0086-6

Damos as boas-vindas à publicação em língua portuguesa da monografia sobre Platão de Franco Trabattoni. Professor de História de Filosofia Antiga na Università degli Studi de Milão, na Itália, Trabattoni impõe-se como um nome de referência nos atuais estudos sobre Platão em nível não somente italiano e/ou europeu, mas também mundial. Não se adverte, porém, na versão ora recenseada que a edição utilizada para a tradução foi a de 2009, publicada por Carocci Editori, de Roma. Isso significa dizer que a edição de 2009 refundiu alguns capítulos e descartou algumas passagens do texto da primeira edição (1998), também pelo mesmo editor romano, que tinha 16 capítulos. As passagens suprimidas são periféricas e não prejudicam a impostação do jeito próprio com que o professor italiano interpreta Platão. A nova configuração dos capítulos torna o texto mais fluído e retrata o estado atual da reflexão de Trabattoni.

Abre o volume a “Apresentação” de Gabriele Cornelli, professor de Filosofia antiga da UnB, membro fundador da Sociedade Brasileira de Platonistas (SBP) e diretor da coleção *ARCHAI*,

grande incentivador dos estudos platônicos no Brasil.

O *Platão* de Trabattoni está dividido em 14 capítulos que dão conta da difícil tarefa de percorrer a vasta obra de Platão. Trabattoni em seu livro perpassa todos os diálogos do Filósofo de Atenas, de modo que o livro se configura como um precioso instrumento de trabalho para quem se dedica ao estudo de Platão, seja de maneira mais introdutória, seja num nível mais especializado.

O Capítulo Primeiro apresenta “a vida e obra” de Platão, já acenando para elementos importantes do pensamento platônico e a relação desses com a história do platonismo, a saber, “o diálogo como método filosófico” e a “relação entre oralidade e escrita” e a “evolução do pensamento de Platão”. Neste capítulo são levantadas questões relativas à cronologia dos textos de Platão e os diferentes métodos de abordá-los.

Dos Capítulos Segundo ao Quarto, Trabattoni nos introduz na sua forma característica de apresentar Platão: um filósofo marcado profundamente pela figura de Sócrates (Capítulo II: “Sócrates e Platão: a orientação ética e política”) e que se posicionou socraticamente quer diante da cultura tradicional (Capítulo III: A crítica à cultura tradicional), quer perante a novidade representada pela sofística (Platão e a sofística).

Os capítulos Quinto e Sexto entram no cerne do que há de mais próprio na filosofia de Platão: a existências de ideias como fundamento não só epistemológico, mas também ontológico do real, cabendo-lhe por consequência uma significação nitidamente ética. Nesse sentido, a filosofia de Platão se mostra antes de tudo como amiga da sabedoria e não como a sabedoria propriamente dita, revelando-se portanto como um caminho intermediário, entre o saber e o não saber, pois não espanta que “os homens não consigam responder completamente à pergunta socrática, e que não se encontre nos escritos platônicos a definição de uma ideia”. Ora, os objetos aos quais a pergunta socrática (*o que é?*) se refere “tem uma natureza metafísica”, mas isso não significa que os seres humanos não tenham alguma noção deles (p. 94). Esse modo trabattoniano de conceber a filosofia de Platão continua na apresentação de vários temas filosóficos dos quais os variados textos de Platão se mostram na sua hodierna atualidade: metafísica (Capítulo VII), a natureza humana (Capítulo VIII), o amor e a *paideia* (Capítulo IX), ética e política (Capítulo X), epistemologia e dialética (Capítulo XI) e o Bem no ser humano e no cosmos (Capítulo XIII). O capítulo final (XIV) traz uma abordagem sobre as doutrinas não-escritas de Platão, trazendo ao debate sua pertinência e limites.

O livro se encerra com uma bibliografia dos textos de Platão e de uma seleta indicação das recentes publicações sobre ele, quer segundo uma abrangência geral, quer enfocando num aspecto mais monográfico. Há também um índice das passagens dos 22 textos platônicos que são citados no volume, o que significa que Trabattoni traz uma leitura bastante completa do conjunto dos textos de Platão, ao menos se considerarmos o critério da autenticidade. Infelizmente não se indica a página do volume em que tais citações aparecem, tornando tal índice praticamente inútil.

A bem apresentável edição poderia ter tido uma revisão mais acurada, o que teria evitado alguns erros de digitação e tradução. A título de exemplo assinalo somente a incorreta tradução, à p. 82, de “*perché*” por “*porquê*”, quando a tradução correta seria “*por que*”. O livro de Trabattoni em sua versão na língua de Machado de Assis fica como leitura obrigatória para o público brasileiro interessado na filosofia em geral e, principalmente, para os particularmente interessados na filosofia platônica.

Delmar Cardoso  
FAJE - BH